

terra de sonhos

nora roberts

Tradução de Isabel C. Penteado

Para o meu próprio círculo, família e amigos

Os acontecimentos futuros são precedidos pelas suas sombras.

— THOMAS CAMPBELL

*O ornamento de uma casa
São os amigos que a frequentam.*

— RALPH WALDO EMERSON



Outono, 1268

A névoa erguia-se da água em espiral, como se fosse bafo, enquanto Eamon remava o pequeno barco. O Sol derramava uma luz fria e clara, acordando do seu descanso noturno e despertando os pássaros para o seu coro matinal. Ele ouviu o galo cantar, tão altivo e importante, e os balidos das ovelhas que pastavam nos campos verdejantes.

Todos eles sons familiares, sons que o haviam cumprimentado todas as manhãs no decorrer dos últimos cinco anos.

Mas aquele não era o seu lugar. Por mais acolhedor que fosse, por mais familiar, nunca seria a sua casa.

E como ele desejava a sua casa! As saudades que sentia eram tantas que lhe doíam os ossos como os de um velho em tempo húmido, lhe sangrava o coração como o de um amante desprezado.

E sob aquele desejo, aquela dor, aquela saudade dilacerante, morava uma raiva latente capaz de aflorar e lhe queimar a garganta como a sede.

Um as noites sonhava com a sua casa, com a cabana na grande floresta onde ele conhecia cada árvore, cada curva do caminho. E havia noites em que os sonhos eram tão reais como a vida e ele conseguia sentir o cheiro da turfa a arder na lareira, o doce aroma a lavanda que a mãe tecia na roupa para um bom descanso e bons sonhos.

Conseguia ouvir a voz dela, o seu canto suave que vinha de baixo do sótão, onde ela preparava as suas poções e infusões.

A Bruxa das Trevas, assim havia sido tratada — com respeito — pois havia sido poderosa e forte. E amável e boa. Por isso, algumas noites em que sonhava com o lar, em que ouvia a mãe a cantar abaixo do sótão, ele acordava de lágrimas no rosto.

Mas apressava-se a secá-las. Agora era um homem, já tinha dez anos, era chefe de família como o pai havia sido antes dele.

As lágrimas eram para as mulheres.

E tinha de olhar pela irmã, não tinha?, lembrou a si mesmo, pousando os remos, deixando o barco deslizar suavemente enquanto lançava a sua linha. Brannaugh podia ser a mais velha, mas ele era o homem da família. Ele jurara protegê-la e a Teagan, e assim faria. Herdara a espada do avô e usá-la-ia quando chegasse a hora.

Essa hora chegaria.

Pois havia outros sonhos, sonhos que traziam medo em vez de dor. Sonhos com Cabhan, o feiticeiro negro. Esses sonhos formavam-lhe bolas gélidas de medo no estômago que congelavam até a raiva latente. Um medo que fazia o menino dentro de si querer gritar pela mãe.

Mas ele não podia dar-se ao luxo de sentir medo. A mãe já não estava, sacrificara-se para o salvar e salvar as suas irmãs, apenas algumas horas depois de Cabhan ter matado o seu pai.

Ele já mal conseguia visualizar o pai na sua mente e precisava frequentemente da ajuda do fogo para encontrar essa imagem — o alto e orgulhoso Daithi, o *cennfine*, com os seus cabelos brilhantes e riso fácil. Mas bastava-lhe fechar os olhos para ver a mãe, pálida como uma moribunda, parada diante da cabana na floresta, naquela manhã nebulosa, enquanto ele fugia com as irmãs; o coração dominado pela dor, o sangue incandescente com um novo poder.

Desde aquela manhã que ele já não era um menino, mas sim um dos três, uma bruxa das trevas, obrigado, por sangue e juramento, a destruir aquilo que nem a mãe fora capaz de destruir.

Parte de si queria apenas começar, acabar com aquela estadia em Galway, na quinta da prima, onde o galo cantava de manhã e as ovelhas baliavam nos campos. O homem e a bruxa dentro de si ansiavam pelo passar do tempo, pela força necessária para brandir a espada do avô sem que o braço lhe tremesse devido ao peso e pela hora em que pudesse abraçar totalmente os seus poderes e praticar a magia que era sua por herança e por direito. A hora em que derramaria sobre a terra o sangue negro e corrosivo de Cabhan.

Ainda assim, nos sonhos ele era apenas um menino, inexperiente e

fraco, perseguido pelo lobo em que Cabhan se transformava, o lobo com a pedra vermelha do seu poder negro a cintilar-lhe no pescoço. E era o seu próprio sangue, e o das irmãs, que se derramava, quente e vermelho, sobre o solo.

Nas manhãs que se seguiam aos piores sonhos, ele ia para o rio, num barco a remos, para pescar, para estar sozinho, embora na maioria dos dias sentisse a falta da companhia da casa, das vozes, do cheiro dos cozinhados.

Mas depois dos sonhos sanguinários, ele precisava de se afastar — e ninguém o repreendia por não ajudar na ordenha, na limpeza ou na alimentação dos animais naquelas manhãs.

E ali estava ele sentado no barco — um rapaz magro, de dez anos, com uma juba de cabelo castanho ainda desgrenhado do sono, os intensos olhos azuis do pai e o poder luminoso e estimulante da mãe.

Ouvia o dia a despertar ao seu redor enquanto esperava pacientemente que o peixe mordesse o isco e comia o bolo de aveia que roubara da cozinha da prima.

E podia assim reencontrar-se.

O rio, o sossego e o embalo suave do barco fizeram-no recordar do último dia verdadeiramente feliz que passara junto da mãe e das irmãs.

A mãe estivera com bom ar, depois da palidez e da tensão que havia manifestado durante o longo e gélido inverno. Todos eles contavam os dias que faltavam para o Beltane e o regresso do pai. Na altura, Eamon julgara que se sentariam em torno da fogueira a comer bolos e a beber chá adoçado com mel, a ouvirem as histórias do pai sobre os ataques surpresa e a caça.

Festeariam, assim julgara ele, e a mãe ficaria bem outra vez.

Assim acreditara ele, naquele dia no rio, em que haviam pescado e rido, enquanto aguardavam ansiosamente a chegada do pai a casa.

Mas ele nunca chegaria, pois Cabhan usara a sua magia negra para matar Daithi, o bravo. E matara também Sorcha, a Bruxa das Trevas, apesar de ela o ter reduzido a cinzas. Matara-a e, de algum modo, ainda existia.

Eamon sabia-o através dos sonhos, do arrepio que sentia na espinha. Via a veracidade nos olhos das irmãs.

Mas ele tinha aquele dia, aquele luminoso dia de primavera no rio, para recordar. No momento em que o peixe mordeu o isco, a sua mente viajou ao passado e ele viu-se com cinco anos de idade a puxar um peixe brilhante do rio escuro.

E sentiu o mesmo orgulho que sentira nesse momento.

— Ailish vai ficar contente.

A mãe sorria-lhe quando ele deslizou o peixe para dentro do balde de água para o manter fresco.

A sua enorme saudade trouxe-a de volta para lhe dar conforto. Ele prendeu outro isco no anzol. O sol começava a aquecer e a dispersar os rolos de névoa.

«Vamos precisar de mais do que um», dissera a mãe naquele dia longínquo. «Então vais apanhar mais do que um.»

— Preferia apanhar mais do que um no meu próprio rio.

— Um dia fá-lo-ás. Um dia, *mo chroi*, regressarás a casa. Um dia os teus descendentes pescarão no nosso rio e passearão pela nossa floresta. Prometo-te.

As lágrimas ameaçavam brotar e turvaram-lhe a visão, por isso ela começou a oscilar diante dos olhos dele. Ele controlou-as, pois queria vê-la com nitidez; o cabelo escuro que ela deixava cair solto até à cintura, os olhos escuros onde morava o amor e o poder que resplandecia dela. Até naquele momento, apenas uma visão, ele conseguia sentir o seu poder.

— Porque não conseguiste destruí-lo, mãe? Porque não pudeste viver?

— Porque não estava assim destinado. Meu amor, meu menino, meu coração, se eu pudesse ter-te poupado e às tuas irmãs, teria dado mais do que a minha vida.

— Tu deste mais. Deste-nos o teu poder, praticamente todo. Se o tivesses guardado...

— Era a minha hora e era o teu legado. Estou contente com isso, também to prometo. — Ela brilhava no meio da névoa rarefeita, o seu corpo delineado a prata. — Estou sempre dentro de ti, Eamon, o Leal. Estou no teu sangue, no teu coração, na tua mente. Tu não estás sozinho.

— Sinto a tua falta.

Eamon sentiu os lábios dela na sua face, o seu calor, o seu cheiro envolvendo-o. E, nesse momento, apenas nesse momento, permitiu-se ser criança outra vez.

— Eu quero ser valente e forte. E serei, juro. Protegerei Brannaugh e Teagan.

— Vocês proteger-se-ão uns aos outros. Vocês são os três. Juntos são mais poderosos do que eu alguma vez fui.

— Conseguirei matá-lo? — perguntou Eamon, pois era o seu desejo mais profundo e sombrio. — Acabarei com ele de vez?

— Não sei; sei apenas que ele nunca conseguirá tomar o que és. O que és

e o que tens só pode ser dado, como eu te dei. Ele carrega a minha maldição e a marca dela. Todos os que descenderem dele carregá-la-ão, tal como todos os que descenderem de ti carregarão a luz. O meu sangue, Eamon. — Sorcha virou as palmas das mãos para cima, mostrando-lhe um delgado fio de sangue. — É o teu.

Eamon sentiu a dor rápida e viu a ferida na sua palma. E uniu-a à da mãe.

— O sangue dos três, nascidos de Sorcha, derrubá-lo-á, nem que demore mil anos. Confia no que és. É o que basta. — Beijou-o novamente e tornou a sorrir. — Tens mais do que um.

O puxão na linha arrancou-o da visão.

Então tinha mais do que um.

Seria valente, pensou ele enquanto puxava o peixe, agitado, para fora do rio. Seria forte. E, um dia, seria suficientemente forte.

Olhou atentamente para a mão, que já não apresentava qualquer marca. Mas ele compreendia; carregava o sangue e o dom da mãe. Um dia passaria ambos aos seus filhos e filhas. Se não fosse ele a destruir Cabhan, seria um dos seus.

Mas, por tudo o que era mais sagrado, esperava que fosse ele.

Por agora, pescaria. Era bom ser homem, pensou; para caçar e pescar, para providenciar o sustento da casa. Para pagar aos primos pela hospedagem e pelo cuidado.

Aprendera a ser paciente desde que se tornara homem... e apanhou quatro peixes antes de remar de volta à margem. Prendeu o barco e amarrou os peixes com uma linha.

Deteve-se, por um momento, a contemplar a água, o seu brilho sob o sol intenso. Pensou na mãe, no som da sua voz, no perfume dos seus cabelos. Guardaria para sempre as suas palavras.

Regressaria através da pequena floresta. Não era grande, como a de casa, mas era uma bela floresta, disse a si mesmo.

Levaria o peixe a Ailish e beberia um chá junto da lareira. Depois ajudaria no resto da colheita.

Quando iniciava o caminho de regresso à pequena quinta, ouviu um grito agudo. Sorrindo para si mesmo, enfiou a mão na sua sacola e retirou a luva de cabedal. Bastou-lhe calçá-la, levantar o braço e *Roibeard* desceu abruptamente das nuvens, de asas abertas para pousar.

— Bom-dia! — Eamon fitou os olhos dourados e sentiu a ligação com o seu falcão; seu guia e seu amigo. Tocou no amuleto encantado que trazia ao pescoço, que a mãe conjurara, com magia de sangue, para sua proteção. O

amuleto tinha em si a imagem de um falcão. — Está um belo dia, não está? Luminoso e fresco. A colheita está quase concluída e em breve teremos a nossa celebração — continuou ele, caminhando com o falcão no braço. — Sabes, o equinócio; quando a noite conquista o dia como Gronw Pebr conquistou Lleu Llaw Gyffes. Celebraremos o nascimento de Mabon, filho de Mordon, guardião da terra. Decerto haverá bolinhos de mel. Assegurarei que comas um bocadinho. — O falcão esfregou a cabeça na face de Eamon, carinho-so como um gatinho. — Sonhei outra vez com Cabhan, com a nossa casa e com a mãe, depois de ela nos ter dado quase todo o seu poder e de nos ter mandado embora para um lugar seguro. Eu vi, *Roibeard*. Vi-a a envenená-lo com um beijo, a arder em chamas quando apelava a todo o seu poder para o destruir. Ele tirou-lhe a vida, e ainda assim... Eu vi movimento no monte de cinzas em que ela o transformou. Vi algo demoníaco e o brilho vermelho do poder dele.

Eamon calou-se por uns instantes, reuniu o seu poder e abriu-se a ele. Sentiu o bater do coração de um coelho que corria para dentro do mato, a fome de um passarinho que esperava que a mãe lhe desse o pequeno-almoço.

Sentiu as irmãs, as ovelhas, os cavalos.

E nenhuma ameaça.

— Ele não nos encontrou. Eu sentiria. Tu verias e dir-me-ias. Mas ele observa, persegue e aguarda, pois sinto isso também.

Os intensos olhos azuis escureceram; a boca macia do menino adquiriu a firmeza da boca de um homem. — Não me esconderei para sempre. Juro pelo sangue de Daithi e Sorcha, que um dia serei eu a persegui-lo.

Eamon levantou uma mão, agarrou num punhado de ar, fê-lo girar e lançou-o, suavemente, em direção a uma árvore. Os ramos tremeram e os pássaros empoleiradas levantaram voo.

— Vou ficar mais forte, não vou? — murmurou, e seguiu para a quinta para aprazer Ailish com quatro peixes.

Brannaugh cumpria com as suas tarefas como fazia todos os dias. Havia cinco anos que fazia sempre o que lhe era pedido. Ela cozinhava, limpava e cuidava dos mais pequenos, já que Ailish parecia ter sempre um bebé ao peito, ou na barriga. Ajudava a semear os campos e cuidava das culturas. Ajudava na colheita.

Trabalho útil e honesto, claro, e, a seu modo, satisfatório. Não havia ninguém mais amável que a prima Ailish e o marido. Boas pessoas, gente da terra, que haviam oferecido mais do que um abrigo a três crianças órfãs.

Haviam-lhes oferecido uma família e não havia dádiva mais preciosa.

E a mãe estivera ciente disso. De contrário, não teria enviado os seus três filhos para casa de Ailish. Nem na sua hora mais negra, Sorcha entregaria os filhos a alguém que não fosse amável e afetuoso.

Mas, aos doze anos, Brannaugh já não era uma criança. E o que crescia dentro dela, que se espalhava pelo seu corpo, que despertava no seu interior — mais intensamente desde que lhe surgira a menstruação, no ano anterior — era exigente.

Conter tanto dentro de si e desviar o olhar daquela luz ofuscante revelava-se cada dia mais difícil e penoso. Mas ela devia respeito a Ailish, e a prima tinha medo de magia e do poder... inclusive do seu.

Brannaugh fizera o que a mãe lhe pedira naquela terrível manhã. Levara o irmão e a irmã para sul, para longe da sua casa em Mayo. Mantivera-se afastada da estrada; encerrara o sofrimento dentro do seu coração, onde só ela podia ouvir os seus lamentos.

E nesse coração morava também a necessidade de vingança, a necessidade de abraçar o poder dentro de si e de aprender mais, de aprender e praticar o suficiente para derrotar Cabhan de uma vez por todas.

Mas Ailish queria apenas o seu homem, os seus filhos, a sua quinta. E porque não? Ela tinha o direito à sua casa e à sua vida na sua terra; tinha direito a essa tranquilidade. Não a pusera em risco ao acolher os filhos de Sorcha? Ao acolher o que Cabhan cobiçava e perseguia?

A prima merecia gratidão, lealdade e respeito.

Mas o que residia dentro de Brannaugh ansiava por libertação. Era preciso fazer escolhas.

Ela vira o irmão regressar do rio com os seus peixes e o seu falcão. Sentira-o testar o poder longe da quinta, como acontecia frequentemente. Como também Teagan, sua irmã, fazia com frequência. Ailish, que conversava animadamente sobre as geleias que fariam naquele dia, não sentia nada. A prima bloqueava quase todos os seus poderes — algo desconcertante para Brannaugh — e permitia-se usar apenas um bocadinho para adoçar geleias ou convencer as galinhas a porem ovos maiores.

Brannaugh dizia a si mesma que valia a pena o sacrifício; a espera para descobrir mais, aprender mais, ser mais. O irmão e a irmã estavam a salvo ali, como a mãe desejara. Teagan, cujo sofrimento havia sido incalculável durante dias, semanas, agora ria e brincava. Cumpria alegremente as suas tarefas, cuidando dos animais e montando como uma guerreira o seu grande cavalo cinzento, *Alastar*.

Talvez alguma noite chorasse durante o sono, mas Brannaugh precisava apenas de a abraçar para que se acalmasse.

Exceto quando os sonhos eram com Cabhan. Esses sonhos assaltavam Teagan, Eamon e a si mesma. Agora com maior frequência e maior nitidez. Tão nítidos que Brannaugh começara a ouvir o eco da sua voz depois de acordar.

Era preciso fazer escolhas. Aquela espera e aquele refúgio podiam ter de acabar, de uma maneira ou de outra.

Quando a noite chegou, ela esfregou batatas recém-colhidas da terra. Mexeu o guisado que fervilhava lentamente ao lume enquanto batia com o pé acompanhando a música que o marido da prima fazia com a sua pequena harpa.

A modesta casa, quente e acolhedora, era um lugar feliz cheio de bons aromas, vozes alegres e o riso de Ailish ao apoiar o filho mais novo sobre a anca para uma dança.

Família, pensou ela outra vez. Bem alimentada, bem cuidada numa casa quente e acolhedora, com ervas a secar na cozinha e bebês de faces rosadas.

Devia ser suficiente para si... como desejava que assim fosse.

Cruzou o olhar com o de Eamon, do mesmo azul intenso do do pai, e sentiu o poder do irmão a perscrutá-la. Eamon via demasiado, pensou. Veria demasiado se ela se esquecesse de o bloquear.

Ela respondeu-lhe com o seu; um pequeno aviso para que se metesse na sua própria vida. Como qualquer irmã, sorriu quando o viu estremecer.

Depois do jantar havia que lavar panelas e deitar as crianças. Mabh, a mais velha com sete anos, queixou-se, como sempre, que não tinha sono. Seamus aconchegou-se imediatamente, pronto com o seu sorriso sonhador. Os gémeos, que ela ajudara a trazer ao mundo, conversavam um com o outro como pegas. A pequena Brighid enfiou o polegar na boca e o bebé adormeceu antes de a mãe o deitar.

Brannaugh perguntou-se se Ailish saberia que tanto ela como o bebé, com o seu lindo rosto angelical, não existiriam se não fosse a magia. O nascimento — tão doloroso, tão complicado — teria ditado a morte de ambos se não fosse o poder de Brannaugh; a cura, a visão, o esforço.

Embora nunca tocassem no assunto, ela estava convencida de que Ailish sabia.

Ailish endireitou-se; uma mão nas costas e a outra sobre o bebé que carregava no ventre. — E uma boa noite e sonhos felizes para todos. Brannaugh, acompanhas-me num chá? Sabia-me bem um dos teus chás relaxantes, pois este hoje está com a energia toda.

— Claro, vou prepará-lo. — E adicionaria o encantamento, como sempre fazia, para que a prima tivesse saúde e um parto fácil. — Esse é bastante saudável e desconfio que dará tanto trabalho sozinho como os gémeos juntos.

— É de certeza um menino — disse Ailish quando desciam do sótão onde dormiam. — Consigo sentir. Nunca me enganei.

— Nem estás enganada agora. Precisas de descansar mais, prima.

— Uma mulher com seis filhos, e outro a caminho, não consegue descansar grande coisa. Eu estou bem. — Fixou o olhar no de Brannaugh em busca de confirmação.

— Claro que sim, mas, de qualquer maneira, fazia-te bem descansar mais.

— És uma grande ajuda e um grande conforto para mim, Brannaugh.

— Assim espero. — *Passa-se alguma coisa*, pensou Brannaugh enquanto preparava o chá. Conseguia sentir os nervos da prima, pois agitavam os seus. — Agora que a colheita está concluída, podias dedicar-te à costura. É algo necessário e repousante para ti. Eu posso tratar da comida. Teagan e Mabh podem dar-me uma ajuda e, para dizer a verdade, Mabh é já uma ótima cozinheira.

— Sim, claro que é. Estou tão orgulhosa dela.

— Com as meninas a tratarem da comida, Eamon e eu podemos ajudar o tio nas caçadas. Sei que preferias que eu não pegasse no arco, mas não será sensato cada um fazer o que sabe fazer bem?

Ailish desviou o olhar por instantes.

Sim, pensou Brannaugh, *ela sabe e, mais do que isso, sente o peso de nos pedir para não sermos o que somos.*

— Eu amava a tua mãe.

— Oh, e ela a ti.

— Vimo-nos pouco nos últimos anos. Mas ela enviava-me mensagens à sua maneira. Na noite em que a Mabh nasceu, a mantinha que a minha menina ainda abraça enquanto dorme, estava lá, no berço que Bardan construiu para ela.

— Ela falava de ti com amor.

— Ela enviou-vos para mim. Tu, Eamon e Teagan. Apareceu-me num sonho e pediu-me que vos desse um lar.

— Nunca me tinhas dito — murmurou Brannaugh; levou o chá à prima e sentou-se com ela junto à fogueira de turfa.

— Ela fez-me este pedido dois dias antes da vossa chegada.

Com as mãos entrelaçadas sobre o colo, por cima de saias tão cinzentas como os seus olhos, Brannaugh fitou o fogo. — Nós demorámos oito a chegar

aqui. Foi o seu espírito que viste. Quem me dera poder vê-la outra vez, mas só consigo em sonhos.

— Ela está contigo. Vejo-a em ti. Em Eamon e em Teagan, mas, principalmente, em ti. A sua força e beleza. O amor incondicional pela família. Já estás na idade, Brannaugh. Estás na idade de começar a pensar em construir uma família.

— Eu tenho uma família.

— Uma família tua, como fez a tua mãe. Uma casa, querida; um homem que trabalhe a terra, filhos teus. — Bebericou o chá enquanto Brannaugh permanecia em silêncio. — Fial é um bom homem. Foi bom para a mulher enquanto ela foi viva, posso garantir-te. Ele precisa de uma esposa, de uma mãe para os seus filhos. Ele tem uma ótima casa, muito maior que a nossa. Estaria disposto a oferecer um dote por ti e abriria as portas de sua casa a Eamon e a Teagan.

— Como poderia eu casar-me com Fial? Ele é... — «Velho» foi o seu primeiro pensamento, mas logo se apercebeu de que não seria mais velho que Bardan.

— Dar-te-ia uma boa vida, daria uma boa vida ao teu irmão e à tua irmã. — Ailish pegou na sua costura para ocupar as mãos. — Eu nunca te falaria nisto se acreditasse que ele não te trataria com amabilidade, sempre. Ele é bonito, Brannaugh, e tem bons modos. Estarias disposta a passear com ele?

— Eu... Prima, eu não vejo Fial dessa maneira.

— Pode ser que, depois de passeares com ele, comeces a ver. — Ailish sorriu para si mesma, como se soubesse um segredo. — Uma mulher precisa de um homem que a sustente, que a proteja, que lhe dê filhos. Um homem amável, com uma boa casa, um rosto agradável...

— Casaste-te com Bardan por ele ser amável?

— Não me teria casado se não fosse. Pensa nisso. Dir-lhe-emos que só vamos falar contigo depois do equinócio. Pensa. Farás isso?

— Farei.

Brannaugh levantou-se. — Ele sabe o que eu sou?

Ailish baixou os olhos cansados. — És a filha mais velha da minha prima.

— Ele sabe o que eu sou, Ailish? — O que guardava no seu interior, o que reprimia, agitou-se então. O orgulho despertou-o. E a luz que lhe envolveu o rosto não vinha apenas das faúlhas do fogo. — Sou a filha mais velha da Bruxa das Trevas de Mayo. E, antes de sacrificar a sua vida, ela sacrificou o seu poder, passando-o a mim, a Eamon e a Teagan. Nós somos os três. Somos bruxas das trevas.

— És uma criança...

— Uma criança quando falas de magia, de poder. Mas uma mulher quando falas de casamento com Fial.

A verdade daquelas palavras fez ruborizar as faces de Ailish. — Brannaugh, meu amor, não foste feliz aqui nestes últimos anos?

— Sim. E sou muito grata.

— O sangue dá ao sangue sem necessidade de gratidão.

— Sim. O sangue dá ao sangue.

Ailish pôs a costura de lado e segurou nas mãos de Brannaugh. — Estarias em segurança, filha da minha prima. Não te faltaria nada. E acredito que serias amada. Que poderias querer mais?

— Eu sou mais — disse ela em voz baixa, e retirou-se para o sótão.

Mas o sono fugiu-lhe. Brannaugh estava deitada em silêncio ao lado de Teagan, à espera que os sussurros entre Ailish e Bardan cessassem. Estariam certamente a falar sobre o casamento; aquele bom e sensato casamento. Convencer-se-iam de que a sua relutância se devia apenas aos nervos de menina.

Bem como se haviam convencido de que ela, Eamon e Teagan eram crianças como todas as outras.

Levantou-se sem fazer barulho, calçou as botas macias e embrulhou-se no xaile. Precisava de ar. De ar, da noite, da Lua.

Desceu silenciosamente a escada do sótão e abriu a porta com cuidado.

Kathel, o seu cão, que dormia junto à lareira, levantou-se e, sem dúvida nem hesitação, saiu à sua frente.

Agora podia respirar; com o ar frio da noite nas faces, com o sossego serenando o caos dentro de si. Ali sentia-se livre.

Brannaugh e o seu fiel cão deslizaram como sombras para dentro do arvoredo. Ela ouvia o borbulhar do rio, o suspiro do vento por entre as árvores, sentia o cheiro da terra e o odor ao fumo de turfa que se elevava da chaminé da casa.

Podia formar o círculo, tentar invocar o espírito da mãe. Precisava da mãe naquela noite. Em cinco anos não chorara, não se permitira derramar uma única lágrima. Agora queria sentar-se no chão, pousar a cabeça no peito da mãe e chorar.

Pousou uma mão sobre o amuleto que usava — a imagem do cão que a mãe havia conjurado com amor, com magia, com sangue.

Deveria manter-se fiel ao seu sangue e ao que vivia no seu interior? Deveria abraçar as suas necessidades, desejos e paixões? Ou deveria pôr tudo

isso de parte, como um brinquedo que já não se usa, e fazer o que asseguraria a segurança e o futuro do irmão e da irmã?

— Mãe, — murmurou ela, — o que devo fazer? O que queres que eu faça? Deste a tua vida por nós. Poderei fazer menos?

Brannaugh sentiu a junção dos poderes como um entrelaçar de dedos. Virou-se e fitou as sombras. Com o coração aos pulos, pensou: *Mãe*.

Mas foi Eamon quem surgiu sob o luar, com Teagan pela mão.

A desilusão foi tão forte que não conseguiu disfarçá-la na voz: — Vocês deviam estar na cama! Que ideia foi essa de virem para a floresta de noite?

— Tu fizeste o mesmo — ripostou Eamon.

— Sou a mais velha.

— E eu sou chefe de família.

— O cacete insignificante que tens entre as pernas não faz de ti chefe de família.

Teagan soltou umas risadinhas e precipitou-se para a frente para ir abraçar a irmã. — Não fiques zangada. Estavas a precisar de nós. Apareceste no meu sonho. Estavas a chorar.

— Não estou a chorar.

— Aqui dentro. — Teagan pousou uma mão sobre o peito de Brannaugh. Os seus olhos escuros e profundos, tão semelhantes aos da mãe, perscrutaram o rosto da irmã. — Porque estás triste?

— Não estou triste. Vim cá fora para pensar. Para estar sozinha e pensar.

— Tu pensas demasiado alto — resmungou Eamon, ainda ofendido por causa do «cacete insignificante».

— E tu devias ser mais educado e não escutar os pensamentos dos outros!

— Como posso evitar, se tu os gritas?!

— Parem! Não vamos discutir. — Teagan podia ser a mais pequena dos três, mas determinação não lhe faltava. — Não vamos discutir — repetiu ela. — A Brannaugh está triste, o Eamon parece um homem sobre brasas e eu... eu sinto-me como se tivesse comido demasiados doces.

— Estás doente? — A raiva de Brannaugh dissipou-se e ela fitou os olhos de Teagan.

— Não dessa maneira. Alguma coisa está... desequilibrada. Eu sinto. E penso que vocês também sentem. Por isso não vamos discutir. Somos família. — Segurando ainda na mão de Brannaugh, Teagan alcançou a do irmão. — Diz-nos porque estás triste, irmã.

— Eu... Eu quero fazer um círculo. Quero sentir a luz dentro de mim. Quero fazer um círculo e sentar-me convosco na sua luz. Com os dois.

— Raramente o fazemos — disse Teagan. — Porque Ailish não quer que o façamos.

— E ela acolheu-nos. Devemos-lhe respeito em sua casa. Mas neste momento não estamos em sua casa e ela não precisa de saber. Preciso da luz. Preciso de falar convosco dentro do nosso círculo, onde ninguém consiga escutar.

— Eu faço-o. Estive a praticar — disse-lhe Teagan. — Quando saio com *Alastar*, pratico.

Com um suspiro, Brannaugh deslizou uma mão pelos cabelos brilhantes da irmã. — Ainda bem que o fazes. — Traça o círculo, *deirfiúr bheag*.



Brannaugh viu Teagan trabalhar, extraindo luz e fogo do seu interior e agradecendo à deusa enquanto forjava o círculo. Um círculo suficientemente grande para incluir *Kathel*, reparou Brannaugh divertida e com um sentimento de gratidão.

— Saíste-te bem. Eu devia ter-te ensinado mais, mas...

— Respeitaste Ailish.

— E também estavas com receio de que se usássemos demasiado o nosso poder, — interpôs Eamon, — com demasiada intensidade, ele nos encontrasse. Que ele viesse atrás de nós.

— Sim. — Brannaugh sentou-se no chão e envolveu *Kathel* com um braço. — Ela queria-nos em segurança. Desistiu de tudo por nós; do seu poder, da sua vida. Ela acreditava que iria destruí-lo e que nós ficaríamos a salvo. Ela não podia saber que o poder negro que obteve seria capaz de o trazer das cinzas.

— Mais fraco.

Brannaugh olhou para Eamon e anuiu com a cabeça. — Sim, mais fraco. Nessa altura. Ele... alimenta-se de poder, penso eu. Encontrará outros, absorverá o seu poder e ficará mais forte. Ela queria-nos em segurança. — Brannaugh inspirou. — Fial quer desposar-me.

Eamon ficou boquiaberto. — Fial? Mas ele é velho!

— Não é mais velho que Bardan.

— Velho!

Brannaugh riu-se e sentiu algum do aperto no peito abrandar. — Parece que os homens gostam de mulheres jovens, para poderem dar-lhes muitos filhos e quererem ainda deitar-se com eles e cozinhar para eles.

— Não te casarás com Fial! — disse Teagan com determinação.

— Ele é amável e não é feio. Tem uma casa e uma quinta maiores do que as de Ailish e Bardan. Receber-vos-ia em sua casa.

— Não te casarás com Fial! — repetiu Teagan. — Não o amas.

— Não procuro o amor, nem preciso dele.

— Devias... mas, mesmo que feches os olhos, ele vai encontrar-te. Já esqueceste o amor entre a nossa mãe e o nosso pai?

— Não. Mas não penso encontrar nada semelhante para mim. Talvez, um dia, tu encontres. És tão bonita e inteligente...

— Oh, encontrarei, sim. — Teagan anuiu convictamente com a cabeça. — Como tu encontrarás e o Eamon encontrará. E passaremos o que somos, o que temos, aos que vierem depois de nós. Era o desejo da nossa mãe. Ela queria que vivêssemos.

— Viveríamos, e bem, se eu me casasse com Fial. Sou a mais velha — lembrou-lhes Brannaugh. — A decisão será minha.

— Ela encarregou-me de te proteger. — Eamon cruzou os braços sobre o peito. — Proíbo que o faças!

— Não discutiremos. — Teagan agarrou com força as mãos dos irmãos. Labaredas irromperam dos dedos entrelaçados. — E ninguém cuidará de mim. Não sou nenhuma bebé, Brannaugh, tenho a mesma idade que tinhas quando fugimos de nossa casa. Não te casarás para me dar uma casa. Não negarás o que és, não ignorarás o teu poder. Não és Ailish, mas Brannaugh, filha de Sorchá e Daithi. És uma bruxa das trevas e sempre serás.

— Um dia destruí-lo-emos — jurou Eamon. — Um dia vingaremos o nosso pai, a nossa mãe e destruiremos até as cinzas em que o desfizemos. A nossa mãe disse-me que o faríamos, ou farão os nossos descendentes, nem que demore mil anos.

— Ela falou contigo?

— Esta manhã. Apareceu-me quando eu estava no rio, no meio da névoa e do silêncio. É lá que a encontro quando preciso dela.

— Ela só me aparece em sonhos. — As lágrimas que Brannaugh se recusava derramar ficaram presas na garganta.

— Tu reprimes demasiado aquilo que és. — Para a acalmar, Teagan

acariciou os cabelos da irmã. — Para não contrariar Ailish, para nos proteger. Provavelmente só permites que ela te apareça em sonhos.

— Ela aparece-te? — murmurou Brannaugh. — Não apenas em sonhos?

— Às vezes, quando monto *Alastar*, quando nos embrenhamos na floresta e eu fico muito sossegada, ela aparece. Canta para mim, como costumava fazer quando eu era pequenina. E foi a nossa mãe quem me disse que conheceremos o amor, que teremos filhos. E que, através do nosso sangue, derrotaremos Cabhan.

— Então devo casar-me com Fial para com ele conceber o filho, o descendente, que acabará definitivamente com ele?

— Não! — Minúsculas labaredas tremeluziram nas pontas dos dedos de Teagan antes de ela conseguir controlar-se. — Não existe amor. Primeiro chegará o amor, depois o filho. É desta maneira.

— Não é a única maneira.

— É a nossa. — Eamon segurou novamente na mão de Brannaugh. — Será a nossa maneira. Seremos o que nos está destinado, faremos o que nos foi incumbido. Se não tentarmos, o que eles sacrificaram por nós teria sido em vão. Teriam morrido em vão. Queres que assim seja?

— Não. Não. Eu quero matá-lo. Quero o seu sangue, a sua morte. — Em conflito interior, Brannaugh encostou o rosto ao pescoço de *Kathel* para serenar com o seu calor. — Penso que parte de mim morreria se eu virasse costas ao que sou. Mas sei que morreria por completo se uma decisão minha prejudicasse algum de vocês os dois.

— Nós decidimos, todos nós — disse Eamon. — Os três somos um. Precisávamos deste tempo. A nossa mãe enviou-nos para cá para podermos ter este tempo. Já não somos crianças. Penso que já não o éramos quando fugimos de casa naquela manhã sabendo que nunca mais veríamos a nossa mãe.

— Tínhamos poder. — Brannaugh respirou fundo e endireitou-se. Embora fosse mais novo, e ainda por cima rapaz, o irmão estava certo. — Ela deu-nos mais. Eu pedi-vos que não o usassem.

— Tiveste razão em pedir... mesmo que o despertássemos de vez em quando — acrescentou Eamon com um sorriso. — Precisávamos de um tempo aqui, mas esse tempo está a chegar ao fim. Sinto-o.

— Eu também — murmurou Brannaugh. — Por isso me perguntei se não havia chegado a hora de me casar com Fial. Mas não; vocês têm razão. Não nasci para viver numa quinta. O meu destino não é fazer pequenos truques de magia na cozinha, nem jogos de mesa. Procuraremos aqui, dentro do círculo. Procuraremos e veremos. Agora.

— Juntos? — perguntou Teagan, com o rosto iluminado de felicidade. E Brannaugh percebeu que se havia reprimido, tal como a irmã e o irmão, demasiado tempo.

— Juntos. — Brannaugh uniu as mãos em concha e invocou o seu poder. Depois, baixando-as como se fossem água a cair, conjurou o fogo.

E ao fazê-lo, ao utilizar aquela primeira habilidade aprendida, a pureza da magia fluiu pelo seu corpo. Parecia que respirava profundamente pela primeira vez em cinco anos.

— Agora tens mais — afirmou Teagan.

— Sim. O meu poder esperou. Eu esperei. Nós esperamos. Não esperamos mais. Através das chamas e do fumo, procurá-lo-emos e veremos onde se esconde. A tua visão é maior, — disse a Eamon, — mas tem cuidado. Se ele souber que estamos a vê-lo, conseguirá ver-nos também.

— Eu sei o que faço. Podemos ir através do fogo, voar pelo ar, sobre a água e a terra, até onde ele está. — Pousou uma mão na pequena espada ao seu lado. — Podemos matá-lo.

— A tua espada não será suficiente. Apesar de todo o seu poder, a nossa mãe não conseguiu destruí-lo. Será preciso mais e nós encontraremos mais. A seu tempo. Por agora, observamos apenas.

— Podemos voar. *Alastar* e eu. Nós... — Teagan calou-se quando viu o olhar contundente de Brannaugh. — Simplesmente... um dia aconteceu.

— Somos o que somos. — Brannaugh abanou a cabeça. — Eu nunca devia ter esquecido isso. Agora, procuremos. *Através do fogo, através do fumo, com visão protegida, invocaremos. Para procurar e encontrar, os olhos de quem derramou nosso sangue cegaremos. Agora o nosso poder ergue-se numa vaga. De acordo com a nossa vontade, que assim seja e assim se faça.*

Uniram as mãos, fundindo a sua luz.

As labaredas agitaram-se; o fumo clareou.

Ali, bebendo vinho de um cálice de prata, estava Cabhan. Os cabelos escuros, caídos sobre os ombros, brilhavam à luz das velas de sebo.

Brannaugh viu paredes de pedra cobertas de ricas tapeçarias, uma cama com cortinas de veludo azul-escuro.

Estava à vontade, pensou ela. Havia encontrado conforto e riqueza; nada que a surpreendesse. Brannaugh sabia que ele usaria os seus poderes em seu proveito, para obter prazer, para matar. Para o que mais lhe conviesse.

Entrou uma mulher no quarto. Usava trajes ricos e tinha cabelos tão negros como a meia-noite. Estava enfeitiçada, pensou Brannaugh ao ver a expressão cega nos seus olhos.

E, contudo... havia neles algum poder, constatou Brannaugh. Um poder que lutava por libertar-se das amarras em que estava contido.

Cabhan não falou, limitou-se a agitar a mão em direção à cama. A mulher dirigiu-se para lá, despiu-se e ficou imóvel por um momento, a sua pele branca como o luar brilhando à luz das velas.

Por detrás daqueles olhos cegos, Brannaugh viu a guerra que se travava, a angustiante luta por liberdade. Por atacar.

Por um momento, a concentração de Eamon vacilou. Ele nunca havia visto uma mulher completamente nua, nem com seios tão fartos. Tal como as irmãs, também ele sentia aquele poder aprisionado — como um pássaro branco numa caixa preta. Mas toda aquela pele nua, os seios suaves e generosos, o fascinante triângulo entre as pernas... teria a mesma textura dos cabelos da cabeça? Ele queria desesperadamente tocar-lhe, apenas ali, para saber.

Cabhan levantou a cabeça como um lobo a farejar o ar. Levantou-se tão rapidamente, que o cálice de prata tombou, derramando vinho tão vermelho como o sangue.

Brannaugh torceu de forma dolorosa os dedos de Eamon. Apesar de ter gritado, e de ter ficado tão encarnado como o fogo, Eamon recuperou a concentração.

Ainda assim, por um momento, um terrível momento, os olhos de Cabhan pareceram fitar os seus.

Depois virou de novo a sua atenção para a mulher. Agarrou-lhe nos seios, apertou-os e torceu-os. A dor era visível no rosto dela, mas ela não gritou.

Não podia gritar.

Ele puxou-lhe os mamilos e torceu-lhos até as lágrimas dela escorrerem pelas faces, até a sua pele branca ficar marcada pelas pisaduras. Ele bateu-lhe, fazendo-a cair de costas sobre a cama. O sangue escorria-lhe pelo canto da boca, mas ela limitava-se a olhar.

Com um trejeito do pulso, ele estava despido e o seu pénis completamente ereto. O órgão parecia brilhar, mas não com luz; com escuridão. Eamon sentia que seria como o gelo: frio, cortante, horrível. E foi com isso que ele penetrou violentamente a mulher, como se fosse uma lança, enquanto as lágrimas dela lhe deslizavam pelas faces e o sangue corria em fio da boca.

Um forte sentimento de revolta explodiu dentro de Eamon — uma fúria violenta e inata — ao ver a mulher ser assim tratada. Quase atravessou aquele fogo, aquele fumo, mas Brannaugh agarrou-lhe com força na mão.

E enquanto Cabhan a violava — pois era isso que acontecia —, Eamon sentiu os seus pensamentos. Pensava em Sorcha e no terrível desejo por ela

que ele nunca apagara. Pensava em... Brannaugh. Como lhe faria o mesmo e mais ainda. E pior. Como lhe causaria dor antes de tomar o seu poder. Como lhe tomaria o poder, antes de lhe tirar a vida.

Brannaugh apagou rapidamente o fogo, acabando com a visão num instante. E, com a mesma rapidez, agarrou Eamon pelos dois braços. — Eu disse que não estávamos preparados. Pensas que eu não percebi que te estavas a preparar para ir?

— Ele estava a magoá-la. Tomou-lhe o poder e o corpo, contra a vontade dela.

— Ele quase te descobriu; sentiu que algo tentava intrrometer-se.

— Era capaz de o matar apenas pelos seus pensamentos. Ele nunca te tocará, como fez com ela.

— Ele queria fazer-lhe mal. — A voz de Teagan era agora a de uma menina. — Mas estava a pensar na nossa mãe, não nela. Depois pensou em ti.

— Os pensamentos dele não podem fazer-me mal. — Mas haviam-na abalado profundamente. — Ele nunca me fará, nem a ti, o que fez àquela pobre mulher.

— Podíamos tê-la ajudado?

— Ah, Teagan... não sei.

— Não tentámos! — disse Eamon com brusquidão. — Tu seguraste-me aqui!

— Pela tua vida, pela nossa, pelo nosso objetivo. Pensas que não sinto o que sentes? — Até o seu medo secreto foi afogado pela gélida onda de raiva. — Que foi como se tivesse levado mil punhaladas por não ter feito nada? Ele tem poder. Não o que tinha, mas diferente. Não maior, mas menor e diferente. Não sei como combatê-lo. Ainda. Não sabemos, Eamon, e temos de descobrir.

— Ele vem aí. Não esta noite, não amanhã, mas virá. Ele sabe que tu... — Eamon ruborizou outra vez e desviou o olhar.

— Ele sabe que posso gerar filhos — concluiu Brannaugh. — Ele quer um filho meu. Nunca o terá. Mas ele vem aí. Também o senti.

— Então temos de partir. — Teagan encostou a cabeça ao dorso de *Kathel*. — Não podemos atraí-lo para cá.

— Temos de ir — concordou Brannaugh. — Temos de ser o que somos.

— Para onde iremos?

— Para sul. — Brannaugh olhou para Eamon em busca de confirmação.

— Sim, para sul, já que ele ainda está no Norte. Ele permanece em Mayo.

— Encontraremos um lugar e nesse lugar aprenderemos mais, descobriremos mais. E, um dia, regressaremos a casa.

Brannaugh levantou-se, segurou novamente nas mãos dos irmãos e deixou o seu poder cintilar entre todos. — Juro, pelo nosso sangue, que regressaremos a casa.

— Juro, pelo nosso sangue, — disse Eamon, — que nós, ou os nossos descendentes, destruiremos até a lembrança dele.

— Juro, pelo nosso sangue, — disse Teagan, — que somos os três e sempre seremos.

— Agora fechamos o círculo, mas nunca mais encerraremos o que somos, o que temos, o que nos foi dado. — Brannaugh soltou-lhes as mãos. — Partimos amanhã.

De olhos sonolentos, Ailish viu Brannaugh guardar o seu xaile. — Peço-te que fiquem. Pensa em Teagan. Ela é apenas uma criança.

— A idade que eu tinha quando viemos ao teu encontro.

— E também tu eras uma criança — disse ela.

— Eu era mais do que isso. Nós somos mais do que isso e temos de ser aquilo que somos.

— Assustei-te ao falar de Fial. Não podes pensar que seríamos capazes de te obrigar a casar.

— Não. Oh, não. — Brannaugh virou-se então e segurou nas mãos da prima. — Nunca fariam tal coisa. Não é por Fial que te deixamos, prima.

Brannaugh virou-se para arrumar o resto das suas coisas.

— A vossa mãe não ia querer isto para vós.

— A minha mãe queria-nos em casa, felizes e em segurança junto dela e do nosso pai. Mas o destino assim não quis. A minha mãe deu a sua vida por nós, deu-nos o seu poder. E agora deu-nos a sua missão. Temos de viver as nossas vidas, abraçar o nosso poder, cumprir a nossa missão.

— Para onde irão?

— Para Clare, penso eu. Por agora. Regressaremos e voltaremos para casa. Sinto que será assim. Ele não virá aqui. — Virou-se para trás e fitou a prima nos olhos, cinzentos como os seus. — Ele não virá aqui e não fará mal nem a ti nem aos teus. Juro-te pelo sangue da minha mãe.

— Como podes saber?

— Sou um dos três. Sou uma bruxa das trevas de Mayo, primeira filha de Sorch. Ele não virá aqui, nem fazer mal a ti nem aos teus. Estão protegidos para toda a vida. Encarreguei-me disso. Não vos deixaria desprotegidos.

— Brannaugh...

— Estás preocupada. — Brannaugh pousou as mãos sobre as da prima,

que estavam apoiadas na barriga. — Não te disse que o teu filho está bem e de saúde? O parto será fácil e rápido também. Isto posso também prometer-te e prometo. Mas...

— O que és? Tens de me dizer.

— Apesar de me amares, temes o que eu tenho. Mas tens de me fazer uma vontade. O teu filho, este que vai nascer, terá de ser o último. Ele será saudável e o parto correrá bem. Mas o seguinte, não. Se houver mais algum, não sobreviverás.

— Eu... Tu não podes saber. Eu não posso negar ao meu marido o leito conjugal. Nem o meu corpo.

— Tu não podes negar aos teus filhos a sua mãe. É um sofrimento terrível, Ailish.

— Deus decidirá.

— Deus ter-te-á dado sete filhos, mas o preço de mais um será a tua vida e também a do bebé. Eu amo-te, por isso escuta o que te digo. — Tirou um frasco do bolso. — Fiz isto para ti. Só para ti. Vais guardá-lo. Uma vez por mês, no primeiro dia das regras, beberás; apenas um pequeno gole. Não conceberás, nem depois de beberes o último gole, pois estará feito. Viverás. Os teus filhos terão a mãe. Viverás para embalar os seus filhos.

Ailish pousou as mãos na barriga. — Ficarei estéril.

— Cantarás para os teus filhos e para os deles. Partilharás o leito com o teu homem com prazer. Alegrar-te-ás com as vidas preciosas que trouxeste ao mundo. A escolha é tua, Ailish. — Fechou os olhos por um momento. Quando os abriu, estavam escuros como a noite. — Chamar-lhe-ás Lughaidh. Ele terá pele e cabelo claros, olhos azuis. Será um menino forte, com sorriso fácil e a voz de um anjo. Um dia ele viajará por este mundo e usará a voz para seu sustento. Apaixonar-se-á pela filha de um fazendeiro e regressará para junto de ti com ela para trabalhar na terra. E tu ouvirás a sua voz pelos campos, pois ele será sempre uma pessoa alegre. — Deixou que a visão se desvanecesse. — Vi o que poderá ser. Tu escolherás.

— Foi esse o nome que escolhi para ele — murmurou Ailish. — Nunca to disse, nem a ninguém. — Pegou no frasco. — Farei o que me dizes. — Contraíu os lábios e enfiou a mão no bolso para tirar uma pequena bolsa. Enfiou-a na mão de Brannaugh. — Aceita isto.

— Não vou aceitar o teu dinheiro.

— Vais, *sim!* — As lágrimas caíam agora, escorrendo pelas faces dela como chuva. — Pensas que não sei que salvaste a minha vida e a de Conall

durante o parto? E até neste momento continuas a pensar em mim e nos meus? Deste-me muitas alegrias. Trouxeste-me Sorcha quando eu sentia a sua falta, pois via-a em ti todos os dias. Vais aceitar o dinheiro e jurar-me que terão cuidado e que voltarão. Que voltarão todos, pois são meus como eu sou vossa.

Compreendendo, Brannaugh guardou a bolsa no bolso das suas saias e beijou Ailish nas faces. — Juro.

Lá fora, Eamon esforçava-se por fazer rir os primos. Eles pediam-lhe que não fosse, claro; perguntavam-lhe porque tinha de o fazer, tentavam negociar com ele. Por isso, ele tecia histórias de grandes aventuras que viveria, lutando com dragões e apanhando sapos mágicos. Viu Teagan passeando com uma Mabh chorosa e viu-a oferecer-lhe uma boneca de trapos que ela própria fizera.

Eamon desejava que Brannaugh se apressasse, pois a despedida era um tormento. *Alastar* estava pronto. Eamon, que afinal era o chefe de família, decidira que as irmãs iriam a cavalo e ele a pé.

E não admitia discussão.

Bardan saiu do pequeno estábulo conduzindo *Slaine* pela mão — agora «velha *Slaine*», pois a égua parideira já havia visto melhores dias, mas, apesar de tudo, era um animal muito dócil.

— Os seus dias como parideira acabaram — disse Bardan com a delicadeza habitual. — Mas é uma boa menina e servir-te-á bem.

— Oh, mas não ta posso tirar. Tu precisas...

— Um homem precisa de um cavalo. — Bardan pousou a mão calejada no ombro de Eamon. — Tu trabalhaste como um homem aqui na quinta, por isso vais levá-la. Eu daria o *Moon* a Brannaugh, se pudesse dispensá-lo, mas tu levas aqui a velha *Slaine*.

— Estou-te muito grato pela *Slaine* e tudo o resto. Prometo-te que a tratarei como uma rainha. — Por um momento, Eamon permitiu-se ser apenas um menino e abraçou-se ao primo, o homem que fora para ele um pai durante metade da sua vida. — Um dia voltaremos.

— Espero bem que sim.

Depois de todas as despedidas, dos desejos de boa viagem, das lágrimas, Eamon montou a égua, com a espada do avô embainhada e presa à sela. Brannaugh sentou-se atrás de Teagan e debruçou-se para beijar Ailish uma última vez.

Partiram para longe da quinta, sua casa durante cinco anos, e para longe da família — em direção a sul e ao desconhecido.

Eamon olhou para trás, acenou como os primos acenavam e deu por si mais combalido com a despedida do que previra. Então, lá no alto, *Roibeard* soltou um grito e voou num círculo antes de se lançar rumo a sul.

Estava destinado que assim fosse, decidiu Eamon. Tinha chegado a hora. Abrandou um pouco o ritmo e inclinou a cabeça em direção a Teagan. — Bem, e como se sente a nossa *Slaine* com tudo isto?

Teagan olhou para a égua e inclinou também a cabeça. — Oh, é seguramente uma grande aventura para ela, com a qual já não contava. Sente-se orgulhosa e grata. Será leal até ao fim dos seus dias e dará sempre o seu melhor por ti.

— E eu darei o meu melhor por ela. Cavalgaremos até ao meio-dia e depois daremos descanso aos cavalos e comeremos os primeiros bolinhos de aveia que Ailish nos mandou.

— É isso que vamos fazer? — perguntou Brannaugh.

Ele levantou o queixo. — Tu és a mais velha, mas sou eu que tenho o cacete, por mais insignificante que te possa parecer; coisa que não é. *Roibeard* indica o caminho e nós seguimos.

Brannaugh levantou os olhos para observar o voo do falcão. Depois baixou-os em direção a *Kathel*, que seguia saltitante ao lado de *Alastar* como se conseguisse caminhar todo o dia e toda a noite.

— O teu guia, o meu e o de Teagan. Sim, seguimo-los. Ailish deu-me algum dinheiro, mas não o gastaremos a não ser que seja mesmo necessário. Ganharemos o nosso próprio dinheiro.

— E como faremos isso?

— Sendo o que somos. — Levantou a mão, de palma para cima, e fez surgir no seu interior uma pequena bola de fogo, para logo em seguida a fazer desaparecer. — A nossa mãe serviu o seu dom, cuidou de nós e da sua cabana. Nós podemos certamente servir o nosso dom, cuidar de nós e encontrar um lugar para fazermos ambas as coisas.

— Ouvi dizer que Clare é um lugar selvagem — disse Teagan.

— E que melhor lugar para pessoas como nós do que a natureza selvagem? — O simples prazer da liberdade crescia a cada passo. — Temos o livro da nossa mãe e estudaremos, aprenderemos. Criaremos poções e curaremos. Ela disse-me que um curandeiro é sempre bem-vindo.

— Quando ele vier, será preciso mais do que poder de cura e poções.

— Pois será — disse Brannaugh ao irmão. — Por isso aprenderemos. Ficámos em segurança durante os cinco anos em que estivemos na quinta. Se os nossos guias nos levarem a Clare, como assim parece, poderemos passar lá

os próximos cinco. É tempo suficiente para aprender, para planear. Quando regressarmos a casa, seremos mais fortes do que ele possa imaginar.

Cavalgaram, até ao meio-dia, sob chuva. Suave e constante, a água caía de um céu de nuvens negras e revoltas. Deram descanso e água aos cavalos e partilharam os bolinhos de aveia — alguns com *Kathel*.

Seguiram viagem e, no meio da chuva, chegou o vento. Passaram por uma pequena quinta com uma cabana cuja chaminé fumegava soltando o odor a turfa queimada. No seu interior, quente e seco, talvez fossem bem-vindos e lhes fosse oferecido um chá junto do fogo.

Mas *Kathel* continuou a caminhar alegremente, *Roibeard* a voar em círculos e *Alastar* nunca abrandou.

E até a luz sombria começou a esmorecer quando o dia chegava ao fim.

— *Slaine* está a ficar cansada — murmurou Teagan. — Ela não pedirá para pararmos, mas está cansada. Doem-lhe os ossos. Não podíamos pô-la a descansar um bocadinho num local seco e...

— Ali! — Eamon apontou em frente. Perto do caminho enlameado encontrava-se o que parecia ser um antigo lugar de culto. Agora saqueado e queimado, e reduzido a pedras chamuscadas por homens que não conseguiram evitar destruir o que haviam construído aqueles que derrotavam.

Roibeard sobrevoou-o em círculos, gritando sem parar, e *Kathel* lançou-se para a frente.

— Pararemos ali durante a noite. Faremos uma fogueira, daremos descanso aos animais e descansaremos também.

Brannaugh anuiu com a cabeça para o irmão. — As paredes permanecem; pelo menos a maior parte delas. Deverão abrigar-nos do vento e nós faremos o resto. É praticamente noite. Devemos dar graças a Mordan e Mabon, seu filho.

Descobriram que uma das paredes havia cedido para o interior, mas que as outras se mantinham de pé. Inclusive alguns degraus, que Eamon prontamente testou, que conduziam, em espiral, ao que havia sido um piso superior. A madeira utilizada na construção fora reduzida a cinzas, já levadas pelo vento. Mas era um abrigo, e Brannaugh sentia que era o lugar certo.

Passariam ali a primeira noite, o equinócio, quando a luz e a escuridão se encontravam em perfeito equilíbrio.

— Eu cuido dos cavalos. — Teagan segurou nas rédeas de ambos. — Afinal, os cavalos são meus. Eu trato deles e tu trata de nos proporcionar um lugar seco e uma boa fogueira.

— Tratarei disso. Daremos graças e depois beberemos chá e comeremos parte da carne de veado seca antes de...

Brannaugh calou-se quando *Roibeard* desceu em voo picado para se empoleirar num peitoril estreito e largar uma lebre gorda no chão, junto aos pés de Eamon.

— Bem, afinal vamos ter um banquete! Eu limpo-a, Teagan cuida dos cavalos e Brannaugh trata do fogo.

Um lugar seco, pensou ela e, baixando o capuz da sua capa, imaginou-o. Invocou e exteriorizou aquilo que era, pensou em calor e secura e... lançou um calor tão intenso e brilhante que quase os queimou a todos antes de conseguir controlá-lo.

— Desculpem. Nunca tinha feito nada disto.

— É como se tivesses tirado a rolha a uma garrafa — decidiu Eamon — e o conteúdo tivesse saído demasiado depressa.

— Sim. — Brannaugh prosseguiu lentamente, com muito cuidado. Ela não se importava de estar molhada, mas Teagan estava certa: a velha égua sentia dores nos ossos; até ela conseguia senti-lo.

Assim, reduziu, pouco a pouco, a humidade. O poder passava através do seu corpo, fazendo-a tremer de júbilo. Agora liberto, livre. Depois, a fogueira. Mágica, naquela noite. Noutras noites, como a mãe lhes ensinara, faziam-na colhendo ou cortando lenha e pegando-lhe fogo. Mas, naquela noite, seria a sua fogueira.

Brannaugh criou-a e controlou-a.

— Um pedaço de bolo de aveia e um pouco de vinho — disse ela ao irmão e à irmã. — Uma oferta de agradecimento aos deuses pelo equilíbrio do dia e da noite, pelo ciclo do renascimento. E por este lugar de descanso. Para dentro do fogo — disse-lhes ela. — O bolo e depois o vinho. *Estas pequenas coisas convosco partilhamos, vossos três servos as graças damos.*

— *Nesta hora em que o dia encontra a noite, escuridão e luz abraçamos* — continuou Eamon, sem saber de onde tinham vindo as palavras.

— *A resistir e a lutar aprenderemos, e no bem e na magia branca os nossos dons usaremos* — acrescentou Teagan.

— *Nesta hora e neste lugar, abrimo-nos ao poder que nos foi dado. Agora e para sempre libertado. De acordo com a nossa vontade, que assim seja e assim se faça.*

O fogo ergueu-se subitamente numa torre de labaredas vermelhas, laranjas e douradas, com um coração azul incandescente. Um milhar de vozes sussurrou no seu interior e o solo tremeu. Então o mundo pareceu suspirar.

O fogo ficou de novo reduzido a uma fogueira, cingido num círculo no chão de pedra.

— É isto que somos — disse Brannaugh, ainda resplandecente do choque de energia. — É isto que possuímos. De agora em diante as noites serão mais longas. A escuridão conquista a luz. Mas ele não nos conquistará. — Sorriu com o coração cheio, como não havia estado desde a noite em que tinham fugido de casa. — Precisamos de fazer um espeto para a lebre. Faremos hoje o nosso primeiro banquete. E descansaremos neste lugar quente e seco até prosseguirmos viagem.

Com o estômago cheio e o corpo quente e seco, Eamon aconchegou-se junto da fogueira. E viajou.

Sentiu-se levantar e voar. Para norte. Para casa.

Como *Roibeard*, sobrevoou as montanhas, os rios, os campos onde descansava o gado, onde as ovelhas pastavam.

Verde e mais verde no caminho de casa, com o Sol a espreitar discretamente por entre as nuvens.

O seu coração tão leve. Ia para casa.

Mas não era a sua casa. Não propriamente, constatou Eamon quando se viu novamente no chão. A floresta, tão familiar... mas não. Tinha algo de diferente. Até o ar era diferente e, no entanto, igual.

Sentiu-se zozzo e fraco.

Começou a andar e a assobiar ao falcão. O seu guia. A luz alterou-se, enfraqueceu. A noite chegava assim tão depressa?

Mas não era a noite, reparou. Era o nevoeiro.

E com ele chegava o lobo que era Cabhan.

Ouviu-o rosnar e lançou a mão à espada do avô. Mas a espada não estava presa à sua cintura. Viu-se novamente um menino indefeso, envolto em névoa rasteira, no momento em que o lobo, com a pedra vermelha cintilando ao pescoço, saiu do nevoeiro... e se transformou num homem.

— Bem-vindo de volta, jovem Eamon. Estava à tua espera.

— Mataste o meu pai e a minha mãe. Vim vingá-los.

Cabhan riu-se; um alegre som gutural que provocou um arrepio gélido na espinha de Eamon.

— Mostras boa-disposição, muito bem! Vem então vingá-los; o pai morto e a bruxa morta que te pariu. Tomarei o que és e depois possuirei as tuas irmãs.

— Nunca tocarás no que é meu! — Eamon deu voltas, tentando pensar.

O nevoeiro erguia-se cada vez mais, toldando tudo: a floresta, o caminho, a sua mente. Agarrou num punhado de ar e lançou-o. Este esculpiu um caminho débil e estreito. Cabhan riu-se outra vez.

— Aproxima-te. Aproxima-te mais. Sente o que eu sou.

Ele sentia-o, sentia a dor e o poder. E o medo. Tentou lançar fogo, mas as labaredas caíram sem força e transformaram-se em cinza escura. Quando Cabhan estendeu as mãos para tentar agarrá-lo, ele ergueu os punhos para lutar.

Roibeard desceu a pique, como uma seta, dilacerando com as garras e o bico aquelas mãos estendidas. O sangue escorreu negro e o homem uivou e começou a tomar novamente a forma do lobo.

Então, do nevoeiro, surgiu outro homem. Alto, o cabelo castanho húmido da névoa, os olhos, de um verde intenso, repletos de poder e de fúria.

— Foge! — disse ele a Eamon.

— Não fujo de criaturas como esta. Não posso.

O lobo raspou a terra com as patas e exibiu os dentes num esgar horrível.

— Segura na minha mão.

O homem agarrou na mão de Eamon. A luz explodiu como o sol, e o poder brotou como um milho de asas agitadas. Cego e surdo, Eamon gritou. Havia somente poder; envolvendo-o, preenchendo-o, explodindo do seu interior. Então, com um rugido demolidor, o nevoeiro desapareceu, bem como o lobo, restando apenas o homem que lhe segurava na mão.

O homem ajoelhou-se, respiração ofegante, rosto pálido, olhos repletos de magia. — Quem és tu? — perguntou ele.

— Sou Eamon, filho de Daithi, filho de Sorchá. Sou um dos três. Sou a Bruxa das Trevas de Mayo.

— Tal como eu. Eamon. — Com uma gargalhada trémula, o homem tocou nos cabelos e no rosto de Eamon. — Sou teu descendente. Estás fora da tua época, rapaz; estás na minha. Sou Connor, do clã O'Dwyer. Descendo de Sorchá, descendo de ti. Um dos três.

— Como posso saber que falas a verdade?

— Sou do teu sangue, tu és do meu. Tu sabes. — Connor puxou o amuleto de debaixo da camisa e tocou naquele, o mesmo, que Eamon usava. E levantou um braço. *Roibeard* pousou na luva de cabedal que usava. Não era *Roibeard*, constatou Eamon. Contudo... — O meu falcão. Não é o teu, mas tem o seu nome. Pede-lhe o que quiseres. É tão teu como meu.

— Isto não é... a minha casa.

— É, sim; não a tua época, mas a tua casa. Sempre será.

Os olhos de Eamon encheram-se de lágrimas e a sua barriga estremeceu com uma saudade pior que a fome. — Nós voltámos para casa?

— Sim.

— Conseguiremos derrotá-lo e vingar os nossos pais?

— Sim. Não desistiremos até o conseguirmos. Dou-te a minha palavra.

— Desejo... Vou regressar. Sinto-o. Brannaugh está a chamar-me de volta. Salvaste-me de Cabhan.

— Penso que, ao salvar-te, salvei a mim mesmo.

— Connor, dos O'Dwyer. Nunca esquecerei.

E sobrevoou de novo as montanhas até despertar numa manhã tranquila, sentado junto à fogueira de Brannaugh, com as duas irmãs a sacudi-lo.

— Parem com isso, já! Tenho a cabeça a girar.

— Ele está tão pálido — disse Teagan. — Vou preparar-te um chá.

— Um chá vai saber-me bem. Fiz uma viagem. Não sei como, mas regresssei a casa; embora não fosse a nossa casa. Preciso de pensar nisto. Mas sei algo que não sabia. Algo que não sabíamos. — Bebeu um pouco de água que Brannaugh lhe ofereceu e depois empurrou o odre. — Ele não pode sair de lá. Cabhan. Ele não pode sair, pelo menos não pode ir longe. Quanto mais longe de casa, do lugar onde consegui os seus novos poderes, menor será o seu poder. Se sair de lá, arrisca-se a morrer. Não pode seguir-nos.

— Como sabes isso? — perguntou Brannaugh.

— Eu... vi-o na sua mente. Não sei como. Mas vi essa fraqueza. Conheci um homem, é do nosso sangue. Eu... — Eamon respirou fundo e fechou os olhos por um momento. — Deixem-me beber o chá, está bem? Um bocadinho de chá, depois tenho uma história para vos contar. Ficaremos aqui mais um pouco ainda e eu contar-vos-ei tudo. Depois rumaremos a sul, para aprender, crescer, planear. Pois ele não pode tocar-nos. Ele nunca vos tocará.

Podia ter sido um menino, mas agora era um homem. E o poder fervilhava ainda no seu interior.